

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia AICL - HISTORIAL atualizado em outubro 2023

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta e seis Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açonianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. Desde a primeira edição abolimos os axiónimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátoma nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de quase duas décadas realizamos colóquios em vários locais. Começamos no Porto, mas a ideia foi sempre de descentralizar. Até 2010 a base foi Bragança. Houve colóquios em cidades, vilas e freguesias. Nos Açores na Ribeira Grande (2006, 2007, 2023), Lagoa (2008, 2009, 2012), Vila do Porto (2011, 2017, 2024), Maia (2013), Porto Formoso (2014), Santa Cruz da Graciosa (2015, 2019), Lomba da Maia (2016), Madalena do Pico (2018), PDL (2021 e 2022) e Flores (2025). Fora estivemos no Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017 a 2022). Faltam-nos ainda obter apoios para S. Jorge, Faial, Corvo e Terceira

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica. Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além de dois livros de autor, das quatro (4) antologias que já publicamos, dois (2) livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos *Missionários Açorianos em Timor*, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos. SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia e a açorianidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Provámos a vitalidade da sociedade civil quando congregámos vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Solução - síntese: Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Aao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;

3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se:

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português. Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 podemo-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter dum língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.

Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções dum língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substituiu o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português. Todas as línguas: espanhol, chinês, russo, árabe, afetaram as minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002: Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar sem subsidiodependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram, na primeira edição, e introduziram o hábito de entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] afirmou-se: *“só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que,*

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge apoiar a formação linguística da comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas falta de empregos. Mas será que falam português? “

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste “*O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade*”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu livro *Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional*. A língua portuguesa “*tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas e é tanto mais plausível porque o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili*”. A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa” afirma Hull.

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia). Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que “foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Dili, D. Ximenes Belo, no 2º dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade e suas idiossincrasias. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor. “*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem o que enriquece tanto o português como o Tétum*”.

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado. O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um exemplo notável de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões. ... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluímos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e em toda a parte onde haja lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer país lusófono.

Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990. Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores) onde se homenagearam Dias de Melo e Daniel de Sá. Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.

11º e 12º colóquios 2009

definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE (Lagoa), que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança desenvolve-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos o projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara. Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a 1ª Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

2010

em janeiro lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no portal <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> [Cadernos de Estudos Açorianos e Suplementos \(lusofonias.net\)](https://www.lusofonias.net) estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar em linha para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

O **13º colóquio, 2010 deslocou-se ao Brasil**, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

14º colóquio, 2010, Bragança, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

15º colóquio, 2011 Macau, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores vol. 2* de Chrys Chrystello.

16º colóquio, 2011 fomos a Santa Maria, Ilha-Mãe, homenagear Daniel de Sá. Em Vila do Porto, além de apresentar a Antologia bilingue de autores açorianos, aprovou-se uma DECLARAÇÃO DE REPÚDIO pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

17º colóquio Em 2012 na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), C. Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Idalinda Ruivo e filha M^{te} João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

18º colóquio, Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense, Galiza, parcela esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da AGLP em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público. Nesse ano difundimos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico (<https://www.lusofonias.net/aicl/aicl-manifesto-2012.html>) contributo para a política da língua no Brasil e Portugal. Dois importantes projetos viram a luz do dia, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores (em 2 vols), da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado *Crónica do Quotidiano Inútil* (vols 1 a 5).

19º colóquio Na Maia (2013) surgiram novos projetos, a Antologia 9 Ilhas 9 escritoras, musicar poemas, e novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.

20º colóquio, Em Seia (2013)

criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI). Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão pop, com o grupo de professores da EBI da Maia em São Miguel. Dois exemplos aqui em <https://youtu.be/v8NvIqLkPHU> e https://youtu.be/OkM8_nr3jrl Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

21º colóquio, 2014 Moinhos, fechou as inscrições dois meses antes por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos, de Helena Chrystello e Lucília Roxo (inclui Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida) e a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras” inclui Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

22º colóquio em Seia, Em 2014 tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa – José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos trazer um grupo de 20 dançarinos de Timor-Leste (Timor Furak e Le-Ziaval) que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas distantes.

23º colóquio no Fundão 2015: Anunciou-se a preparação do projeto 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

24º Graciosa 2015, aceite a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário tentamos apoios para a publicação do livro de D. Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

25º Montalegre abril 2016. Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta. Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos ter um concerto especial com partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

26º colóquio Lomba da Maia 2016: PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono. Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.

27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte. Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a transposição para elementos interativos. Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e evolução até aos nossos dias.

28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017. Firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai a vigorar durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais 4 em Belmonte, até 2021, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores). O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo. Igualmente iremos introduzir temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

Editar o 2º livro da série *Missionários açorianos em Timor* de Dom Carlos F Ximenes Belo; Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo; Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD; Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015 e apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião e a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de 20 minutos para todas as sessões.

29º colóquio da lusofonia Belmonte março 2018, a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem em conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia. Proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha). O ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos, a AICL vai lançar, em moldes a determinar, o 2º volume de Dom Ximenes Belo *Missionários Açorianos em Timor*, a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico out 2018 1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para realizar o 34º colóquio outº 2020 EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar, com Alexandre Quintanilha Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>; José António Salcedo cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988> e o escritor Richard Zimler como escritor convidado.

2. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

3. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos levar um grupo restrito (10-12) de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, divulgar a literatura de matriz açoriana e a sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
4. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
5. Damos publicamente um voto de congratulação a MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas
6. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, EDUÍNO DE JESUS e ONÉSIMO T ALMEIDA

31º colóquio da lusofonia, Belmonte 12-15 abril 2019 Salientamos com satisfação a assinatura de protocolo entre o Museu Judaico de Belmonte e a Sinagoga de Ponta Delgada, promovido no 30º colóquio da Madalena do Pico, a que se seguirá no 25 de abril a celebração da gemação da Madalena do Pico com a vila de Belmonte. Estas sinergias intermunicipais refletem bem o caráter agregador e dinâmico da AICL que agradece a presença do Sr. Presidente José Manuel Bolieiro e da sua delegação. Salientamos a participação de académicos de várias áreas científicas, vários países e regiões com a habitual presença da Galiza, a presença pela quinta vez de representação diplomática de Timor-Leste e a segunda participação de Cabo Verde pela académica, poetisa e juíza desembargadora Vera Duarte, nova associada, e do nosso patrono e sócio-honorário Dom Carlos Ximenes Belo que assinalou a sua sétima presença de forma bem vocal no painel dedicado aos 20 anos após o referendo de Timor-Leste de 1999. Notável envolvimento da comunidade local nas sessões, em especial nos concertos e recitais em que a sala do auditório municipal praticamente encheu. Foi assinalada a qualidade dos 5 livros apresentados pelos autores neste colóquio (D Ximenes Belo, Missionários açorianos em Timor vol. 2; Raul Gaião, Dicionário de Crioulo Macaense; Vera Duarte “A Matriarca” e “A reinvenção do mar”; José Andrade “Açores no Mundo: as 15 Casas dos Açores”, Luciano Pereira, “Lusofonografias, Ensaios pedagógico-literários”. Regista-se com apreço a enorme capacidade de Ana Paula Andrade de conglomerar vontades para apresentar “Sodade” de Cesária Évora como música de fundo na intervenção do escritor timorense Luís Cardoso de Noronha (Takas) e em seguida, apresentou a mesma versão cantada, em versão impromptu com Piki Pereira e Mintó Deus, além de chamar ao palco a jovem talento local Joana Carvalho que cantou, de improviso, em segunda voz “As ilhas de bruma”. A participação local de jovens intérpretes foi uma agradável surpresa e enviamos os nossos parabéns a todos (Francisca Marques (piano), Edgar Costa (acordeão), Juliana e Rodrigo Bernardo (o mais jovem maestro português) e a Joana Carvalho. O associado Terry Costa da MiratecArts apresentou um ambicioso projeto da Quinta da Lusofonia, um espaço de cerca de 800 metros quadrados dedicado às palavras, dos poetas e das poetisas de língua portuguesa, espalhados pelo mundo - desde os que já disseram o seu último adeus, às novas gerações que por aqui passam. A Quinta da Lusofonia está projetada para inauguração no outono 2021, arrancando as celebrações dos 10 anos da Associação MiratecArts, e na altura do 36º Colóquio da Lusofonia. Foi bastante proveitosa e participada a divulgação do tema Judaísmo na visita à Sinagoga, Museu Judaico ou nas duas sessões enriquecidas pela apresentação por José de Mello da História da Sinagoga de Ponta Delgada e da inauguração de uma exposição de peças da mesma sinagoga que ficará em exibição até finais de maio. Numa reunião com Paulo Monteiro (GloryBox) responsável pela instalação do Museu dos Descobrimentos e pela sua próxima remodelação foi possível aumentar o polo da lusofonia para 3 módulos a saber: 1, medieval do galego-português a Pero Vaz de caminha, seguindo-se o português clássico renascentista, e 3º módulo os crioulos e dialetos locais e sua influência na língua. Se bem que o primeiro módulo coordenado pela equipa de Malaca Casteleiro, Maria de Lourdes Crispim e Maria Francisca Xavier esteja pronto será preciso trabalhar no segundo módulo e para o terceiro a AICL disponibilizou já os contactos a fim de a empresa encarregue da renovação do Museu tratar diretamente com os especialistas. O presidente da Direção da AICL comprometeu-se a oferecer a sua Biblioteca pessoal a Belmonte como prova de gratidão aos excelentes anfitriões dos Colóquios 2016-2021, A EMPDS mostrou-se disponível para renovar o nosso protocolo por mais 5 anos (até 2026). Luís Mascarenhas Gaião comprometeu-se a expor a sua “Angola: Muxima, desenho e texto (ver <https://www.dailymotion.com/video/x6hq5l2>)” de sua coautoria com Luís Ançã no 33º colóquio em Belmonte e apresentar o seu mais recente livro no 32º na Graciosa. A AICL pediu o apoio do Presidente da Câmara de Ponta Delgada para ali levar no 34º colóquio uma exposição de pintura chinesa de Lotus de Jade Tchum e pediu apoio na deslocação da jovem Joana Carvalho à Graciosa e a EMPDS comprometeu-se a custear a viagem da jovem intérprete dando a AICL apoio na estadia. A AICL decidiu também patrocinar e levar à ilha branca, ilha da música, as sonoridades de Timor com Piki Pereira e Mintó Deus. Vera Duarte comprometeu-se a estar presente, uma vez ao ano, e tentar obter apoios para uma pequena comitiva da AICL organizar um encontro em Cabo Verde, o que temos vindo a tentar há vários anos. A Câmara de Ponta Delgada prontificou-se a aceitar o repto do Presidente da Câmara de Belmonte para se juntar à Rede das Judiarias e se geminarem as duas localidades num futuro próximo. Saudamos o nosso patrono e cessante Presidente da Mesa da Assembleia-Geral Professor Malaca Casteleiro e a sua afável Conceição Casteleiro pelo apoio prestado e glorificação dos colóquios no período de 2007 a 2019. De igual modo saudamos o outro patrono fundador Professor Evanildo Bechara e Dona Marlit, por tão meritória ação em prol dos colóquios e publicamente anunciamos aqui que na última Assembleia-Geral de 12 de abril os elegemos Presidentes Honorários da AICL em preito de admiração pela projeção que trouxeram a estes eventos. Ao novo presidente da Mesa Luciano Pereira desejamos as maiores venturas.

32º colóquio Graciosa 2019

1. Assinala-se o novo acordo entre a Câmara de Belmonte e a AICL garantindo a presença em Belmonte de 2022 a 2026 e a consolidação do projeto do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos.
2. Celebra-se a intenção aceite pelas partes da gemação entre a Câmara de Belmonte e a de Santa Cruz da Graciosa que irá permitir intercâmbios a nível de teatro e de grupos musicais (coros, etc.) entre ambas as Vilas, e que permitiu já a vinda da jovem cantautora Joana Carvalho, prevemos que o presidente da Câmara de Santa Cruz assine esse protocolo de gemação na abertura do 33º colóquio
3. Assinala-se a presença neste 32º colóquio de Teolinda Gersão e José Luís Peixoto, duas referências a nível da literatura nacional e internacional que muito brilho vieram trazer a este colóquio e anunciar a sua vontade de estarem presentes no 33º em Belmonte.
4. Aceitamos o convite a regressar à Graciosa previsto para 2023-2025
5. A comunicação social de Santa Catarina, Brasil (aqui representada por Sérgio e Marize Prosdócimo) deu cobertura ao evento, bem como a Rádio Graciosa, RTP Açores e Lusa além de outros jornais açorianos

O nosso apreço vai para os convidados de honra que, prontamente, aceitaram o nosso convite, escritores Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, cientista Professor Félix Rodrigues e ao nosso mestre, decano das letras açorianas EDUÍNO de JESUS homenageado da AICL em 2019. Agradecemos ao nosso parceiro institucional, a Câmara de Belmonte aqui representada pelo Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, que aqui nos traz a fabulástica voz da jovem cantante JOANA CARVALHO, e agradecemos a disponibilidade total que, desde 2018, demonstram os amigos e músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus que muito enriquecerão as nossas sessões. Encómos ainda para os convidados escritores

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

Eduardo Bettencourt Pinto do Canadá, Jorge Arrimar de Angola, Álamo Oliveira, Manuel Jorge Lobão e Victor Rui Soares da Graciosa. Demos as boas vindas aos novos associados o escritor Pedro Almeida Maia dos Açores, e o escritor cabo-verdiano Hilarino da Luz, terminando congratulando a presença do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a maestrina, compositora e pianista Ana Paula Andrade, a violinista Carolina Constância, a soprano Carina Andrade.

Ao nosso laborioso adjunto da direção, Pedro Paulo Câmara coadjuvado pela infatigável Carolina Cordeiro, o nosso obrigado pelo incomensurável apoio na seleção de convidados e na gestão da sua estadia.

33º colóquio abril 2021 Belmonte agradecemos a todos os participantes e aos que assistiram ao 33º colóquio da lusofonia em Belmonte, pela primeira via zoom e Facebook, aos oradores fica o nosso obrigado

34º colóquio Ponta Delgada 10-11 junho 2021 PDL Conclusões

1. Este colóquio teve de ser encurtado em mais um dia (dia 12) devido às normas da pandemia. Graças à extraordinária e rápida ação da Carolina Cordeiro e Pedro Paulo Câmara foi possível reequacionar todo o evento em poucos minutos. Agradece-se a todos os autores que prescindiram das suas atuações para que isso fosse possível
2. NA Sessão De Abertura (onde pela primeira vez esteve presente um Presidente do GRA), o Dr José Manuel Bolieiro salientou o “mundo sem geografia” que é a Lusofonia e deixou uma saudação a todos os lusófonos. O Governo dos Açores, “estará ao lado” da AICL para “todas as realizações de futuro”, asseverou o Presidente do Governo. Iniciativas como esta “valem pela qualidade que representam” na literatura e também na “identidade lusófona”, até porque “transportam para o presente todo o legado poético” e “inspiram novas gerações a darem valor e a conhecerem aqueles que deram raiz à Açorianidade, Portugalidade e Lusofonia”. Bolieiro elogiou ainda a “resiliência” da AICL, presidida por Chrys Chrystello, elogiando ainda a “simbólica data” de arranque do colóquio deste ano e o “inspirador lugar” do mesmo: o Centro de Estudos Natália Correia, na Fajã de Baixo.
3. A Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidida por Maria José Lemos Duarte, e a Associação Internacional de Colóquios da Lusofonia (AICL), presidida por Chrys Chrystello, assinaram um memorando de entendimento para a organização, em 2022, do 36.º Colóquio em Ponta Delgada. Maria José Lemos Duarte, na sessão de homenagem ao professor catedrático Onésimo Teotónio Almeida da Universidade de Brown, em Rhode Island, nos Estados Unidos da América, para onde emigrou na década de 70, notou que “onde quer que escreva, onde quer que fale, é dos Açores e pelos açorianos”. A Presidente renovou o seu “mais profundo agradecimento” por ter aceitado o convite para integrar, enquanto presidente da Comissão de Honra, a candidatura de Ponta Delgada | Açores a Capital Europeia da Cultura 2027 - Azores 2027, “na firme certeza do seu contributo para a valorização e a defesa nacional e internacional desta candidatura, como é seu apanágio quando se trata de encorajar o sucesso dos Açores”, disse. A homenagem a Onésimo contou também com as intervenções de Chrys Chrystello, Urbano Bettencourt, Vamberto Freitas, Maria João Ruivo e José Andrade, Diretor Regional das Comunidades.
4. Estamos gratos pelas presenças da Secretária regional da Educação (Dra. Sofia Ribeiro) que interveio na sessão de educação e do Diretor regional das Comunidades (Dr José Andrade) que fez uma alocução elegeca na sessão de homenagem a Onésimo T de Almeida e pela presença da Vereadora da Cultura de Vila Franca do Campo, Dra. Nélia Guimarães.)
5. A Câmara de Belmonte firmou o protocolo de adesão de Ponta Delgada à Rede das Judiarias e entregou pó dos sarcófagos de Gonçalves Cabral e de seu sobrinho Pedro Álvares Cabral à Escola do Mar do Colégio do Castanheiro em antecipação dos 600 anos da chegada aos Açores (2027) fortalecendo de forma indelével os laços que unem Belmonte e Ponta Delgada, com a hipótese de se tornarem cidades irmãs, depois da sua geminação.

35º colóquio Belmonte abril 2022 Conclusões

1. Reunidos com a EMPDS decidimos mudar os colóquios da Páscoa para os feriados de junho e em junho 2023 estaremos no 37º colóquio de 7 a 11 junho, a fim de permitir uma interação com escolas e universidades locais e maior participação destes
2. o humorista Luís Filipe Borges foi convidado a trazer o seu espetáculo a 3 a Belmonte em moldes e datas a negociar
3. o sonho de Luís Filipe Borges fazer uma longa-metragem deu os primeiros passos com o apoio de Luís Filipe Sarmento e futuro encontro com um famoso realizador luso
4. Luís Filipe Sarmento vai ter nova edição da sua Torá traduzida para Português patrocinada pela Câmara Municipal de Belmonte
5. A Câmara de Ponta Delgada convidou a sua congénere de Belmonte para estar presente em outubro no 36º colóquio e nos concertos de música hebraica, a decorrer na Sinagoga entre 23 e 25 de abril
6. O WPM World Poetry Movement, coordenado em Portugal pelo Luís Filipe Sarmento, convidou a AICL a fazer em regime de reciprocidade, a sua associação com vista à possível publicação da poesia do Presidente da AICL, convite que honrosamente aceitamos, esperando criar intercâmbios para os próximos eventos.
7. O vereador da cultura da CM de Ponta Delgada mostrou-se disponível para renovar por 3 anos o memorando com a AICL a fim de permitir realizar eventos nalgumas das 24 freguesias do concelho
8. O historiador José de Mello convidou Pedro Paulo Câmara e Chrys a organizarem uma sessão de poesia com autores de S. Miguel na sua Quinta da Salga.

36º colóquio PDL outubro 2022

PARABÉNS colóquios da lusofonia Entre 30 de setembro e 5 de outubro decorreu o 36º colóquio da lusofonia em Ponta Delgada celebrando os magníficos vinte anos de colóquios da lusofonia com sessões de poesia, história, humor, música e literatura.

O abrangente e generoso apoio do patrocínio da Câmara Municipal permitiu a presença de uma comitiva oficial de 15 convidados dentre os 73 inscritos. Uma palavra de muito apreço para o incedível profissionalismo dos incansáveis Luísa Margarida Pimentel, Nuno Engrácio e demais pessoal do Centro Natália Correia e a bonomia do condutor escalado para nos transportar, Sr. Luís que a todos cativou.

A TODOS OS ORADORES E PRESENCIAIS o nosso obrigado, sem a vossa presença não teríamos tido sucesso, Era uma excelente oportunidade para a cidade candidata a Capital da Cultura 2027 vestir as suas melhores vestes e chamar os seus mais válidos concidadãos e associar-se em peso a este evento, mas aparte duas ou três sessões com várias dezenas de pessoas a presença dos locais resumiu-se a meia dúzia de pessoas interessadas que nos acompanharam. Desconcertante foi o total alheamento por dois momentos altos que mereciam (como afirmou o poeta LUÍS FILIPE SARMENTO) a presença do Presidente da República e do Primeiro-Ministro e nem tiveram a presença do Presidente da Câmara nem do Vereador da Cultura: esses momentos eram a celebração dos 70 anos de vida literária do decano dos escritores açorianos **EDUÍNO DE**

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

JESUS (nenhum autor português teve tal longevidade de escrita) e os 50 anos de vida literária do ilhanizado **CHRYSTELLO**. O Vereador da Cultura esteve, porém, presente na sessão do autor do ano **Pedro Paulo Câmara**. Saliente-se a assinatura de importante protocolo entre **WPM (World Poetry Movement)** e a AICL que vai permitir uma maior internacionalização dos nossos eventos; outro convénio de cooperação foi assinado com a **Escola Básica Integrada da Maia** (S Miguel, Açores) e recebemos um convite do Prefeito Municipal de Porto Seguro (Bahia, Brasil) através da sua Secretária de Educação, Cultura e Património Histórico para ali realizarem um colóquio em breve. Neste colóquio assistimos ao lançamento de seis livros:

O **DIÁRIO II** (Um punhado de areia nas mãos) de Maria João Ruivo apresentado na Escola Antero de Quental por Santos Narciso, a **NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS** de Helena Chrystello, apresentada por Aníbal Pires

o livro póstumo **POR DETRÁS DA CORTINA DE ENGANOS** de Norberto Ávila (patrocinado pela AICL) com intervenções de Helena Chrystello, Zeca Medeiros e Álamo Oliveira,

a **CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL, 50 anos de vida literária** de J Chrys Chrystello, **volumes 1 a 6**; apresentada por Maria João Ruivo com Ernesto Resendes

LIAMES E EPIFANIAS AUTOBIOGRÁFICAS vol 5 de CHRÓNICAÇORES; de J Chrys Chrystello, apresentada por Vamberto Freitas e Pedro Paulo Câmara

ALUMBRAMENTO: CRÓNICAS DO ÉDEN vol. 6 de CHRÓNICAÇORES, de J Chrys Chrystello, apresentada por Pedro Almeida Maia

Houve outras obras apresentadas pelos seus autores como o “Beat” de Luís Filipe Sarmento, “A escrava açoriana” de Pedro Almeida Maia, Azorean Suíte de Scott Edward Anderson (apresentada por Eduardo Bettencourt Pinto).

Tivemos cinco sessões de poesia (Eduíno de Jesus, Chrys Chrystello, Luís Filipe Sarmento, Aníbal Pires e o grupo Palavras Sentidas com Mário Sousa). Fruto das parcerias da AICL com Belmonte e Ponta Delgada (que aqui registaram a presença do Presidente do Município Dr António Dias da Rocha, assessorado pelo Presidente da Empresa Municipal, Joaquim Feliciano da Costa) houve

- Recital de música de câmara no Conservatório de Ponta Delgada (por Alexander Stretile ao piano e Beatriz Jorge na flauta transversal, professores do Politécnico de Castelo Branco)
- Momento Belmonte-Brasil (Bahia). Da Carta de Caminha ao Patxohã: a Luta do Rochedo Contra o Mar, uma performance teatral, histórica/cultural, na qual o embate entre a língua portuguesa é levado à cena pelas personagens “Carta de Pero Vaz de Caminha”, primeiro documento oficial escrito no Território Brasileiro (Carleone Filho) e a língua dos Povos Originários, representada pela Patxohã (Raoni Pataxó). Nesse contexto, o olhar da Carta sobre o futuro do Novo Mundo entra em conflito com a atual situação de resistência das línguas originárias do território brasileiro. Se por um lado, após mais de quinhentos anos da chegada do navegador português Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras, temos a língua portuguesa oficializada, por outro temos a forte influência dos troncos linguísticos indígenas Tupi e Macro-Jê no falar cotidiano, em uma batalha diária que faz do Português Brasileiro uma língua ímpar, forte e capaz de integrar culturas diversas.
- Música judaica na Sinagoga de Ponta Delgada (por Alexander Stretile ao piano e Beatriz Jorge na flauta transversal, professores do Politécnico de Castelo Branco)

O colóquio teve as sessões no auditório do Centro Municipal Natália Correia na Fajã de Baixo salientando-se nas sessões musicais a habitual presença da pianista e maestrina residente **Ana Paula Andrade**, **Carolina Constância** ao violino e a voz da **Helena Castro Ferreira** além da flauta de **António Costa** da Escola de Música de Belmonte e Inês Alves, aluna do Conservatório local.

De regresso tivemos o cineasta **FRANCISCO ROSAS** que projetou o documentário CINE ESPERANÇA

Da diáspora brasileira **Vilca Merízio** e **Ronaldo Pires** divulgaram a açorianidade em Santa Catarina (Brasil) em sessões que trouxeram autores dos EUA E CANADÁ (**Scott Edward Anderson**, **Eduardo Bettencourt Pinto**, **Susana L M Antunes**) e o Diretor Regional das Comunidades, **José Andrade**. **Hilarino da Luz** levou-nos à sua terra Cabo Verde e à obra da consagrada VERA DUARTE.

Encerrámos as sessões com dois recitais que foram um momento especial com sala cheia de público: com o guitarrista e compositor **RAFAEL FRAGA** (que regressou aos nossos colóquios pela primeira vez desde 2008), outro com o poeta e compositor **ANÍBAL RAPOSO** com Paulo Bettencourt que interpretaram várias poesias musicadas (muitas de Natália Correia).

Tal como em 2021 tivemos uma sessão dedicada ao candente tema da EDUCAÇÃO, e mantivemos a habitual sessão dedicada à Tradução. Na sessão de Educação, a Magnífica Reitora da Universidade dos Açores, Susana Mira Leal, presente na Sessão de Abertura, fez-se representar pelo seu Vice-Reitor Adolfo Fernando da Fonte Fialho. O programa **Açores Hoje** dedicou cerca de 15 minutos a este colóquio e o programa **Atlântida** de Sidónio Bettencourt gravou vários intervenientes numa transmissão que ocorrerá dia 8 de outubro na RTP Açores. O TELEJORNAL local esteve na sessão de abertura dedicando-nos cerca de 3 minutos e depois desapareceu sem cobrir nenhum dos grandes eventos que ocorreram. No continente lusitano, como não éramos terramoto, nem furacão nem maremoto, fomos ignorados.

Seis dezenas de oradores (um recorde absoluto de autores açorianos, açorianizados, etc.) preencheram estes seis dias quer falando das suas obras quer falando dos seus percursos pessoais e literários, mas a cidade candidata a Capital da Cultura 2027 (e fazemos parte da sua Comissão de Honra) estava, decerto, inebriada com os milhares de turistas de cruzeiros e outros que enchiam as ruas e restaurantes da urbe e nem se apercebeu da relevância deste evento.

37º colóquio junho 2023 Belmonte

Cancelado por falta de pagamento da CM Belmonte

38º colóquio, Ribeira Grande outubro 2023



Agradecimento

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

A AICL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA VEM PUBLICAMENTE AGRADECER AOS NOSSOS PATROCINADORES E APOIANTES: CM DA RIBEIRA GRANDE, EDA RENOVÁVEIS, DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES, ARQUIPÉLAGO, CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS DA RIBEIRA GRANDE, NA PESSOA DE ALEXANDRE GAUDÊNCIO, JOSÉ ANTÓNIO GARCIA, SÓNIA TIMÓTEO, FÉLIX RODRIGUES, JOÃO MOURÃO, DALILA COUTO, MARCO MACHADO E RESTANTE PESSOAL, MOTORISTAS MÁRIO JORGE E JOSÉ MÁRIO DA CMRG, AOS 45 INSCRITOS NESTE 38º COLÓQUIO E A TODOS OS PRESENCIAIS NÃO-INSCRITOS QUE NOS PRESENTEARAM COM A SUA PRESENÇA, AO TELEJORNAL DA RTP-A, PROGRAMA AÇORES HOJE DA RTP-A, RÁDIO ATLÂNTIDA E JORNAL DIÁRIO DOS AÇORES.

IGUALMENTE AGRADECEMOS O EXCELENTE SERVIÇO DO HOTEL VERDE MAR E DO SR RICARDO RAPOSO DO RESTAURANTE O ESGALHA.

SÓ COM A COLABORAÇÃO DE TODOS FOI POSSÍVEL TERMINAR ESTE COLÓQUIO COMO MAIS UM NOTÁVEL SUCESSO, E REGISTAMOS 5 NOVOS ASSOCIADOS: JORGE ARRIMAR, JOSEPH SOARES, PAULA CABRAL, NATIVIDADE RIBEIRO, RUI BARATA PAIVA.

Relatório final do 38º colóquio da lusofonia de 4 a 8 outubro 2023

Com o alto patrocínio da CM da Ribeira Grande, organização AICL, Mecenato da EDA Renováveis e apoio da Direção Regional das Comunidades, o Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas da Ribeira Grande recebeu o 38º colóquio da lusofonia. A comitiva oficial ficou alojada no Hotel Verde Mar. Uma nota para o Hotel e seu pessoal, cuja cortesia e profissionalismo foram salientadas pelos que lá ficaram hospedados, além de se tratar de um hotel muito bem equipado nas suas múltiplas valências. As refeições foram no Restaurante O Esgalha (bufete ao almoço e menu ao jantar com 3 hipóteses de peixe e 4 de carne) bem servido de comida e bebida. Dia 6 os conferencistas tinham a manhã livre enquanto uma dúzia de autores convidados se deslocava à EBI da Maia e Esc Secundária da Ribeira Grande para um encontro com professores e alunos, sendo nesta última que ocorreu uma oficina de trabalho de pintura a aguarela a cargo do artista Rui Paiva, sendo os autores agradecidos com almoço na cantina local. Como é norma o horário foi cumprido escrupulosamente, ao longo dos quatro dias, com a colaboração dos 45 inscritos e demais assistência e dos 32 oradores quer presenciais quer os que participaram por teleconferência. A assistência sempre com mais de duas dezenas de pessoas, em vários momentos teve a sala cheia, com uma primorosa assistência técnica de 5 funcionários do CAC, Arquipélago liderados por Marco D S Machado e Dalila Couto. A logística de transportes do aeroporto para o Hotel e do Arquipélago e Hotel para o restaurante e regresso esteve a cargo dos motoristas Mário Jorge e José Mário, que foram inexcedíveis diariamente nas várias movimentações. O orçamento era de sete mil euros para todo o evento que foi notavelmente cumprido para tanta gente envolvida e tanta deslocação de fora da ilha, sendo coberto em 5500€ pela autarquia (que pagou antecipadamente metade do acordado), 750.00€ de mecenato da EDA renováveis e o resto da AICL, lamenta-se a ausência de toda a comunicação social na sessão de abertura. A RTP-Açores surgiria na sessão da tarde, a lusa escusou-se a mandar alguém ao contrário de anos anteriores em que normalmente divulgava a nível nacional o nosso colóquio. A Rádio Atlântida fizera uma reportagem dia 3 bem como o programa AÇORES HOJE da RTP-Açores dia 2 outubro. Outros jornais, como vem sendo costume, ignoraram o evento, que recorde-se existe há 21 anos sendo apenas superado em continuidade e longevidade pelo CORRENTES D'ESCRITA na Póvoa de Varzim. Claro que a comunicação social tinha assuntos mais importantes a revelar como a cor do fato do senhor Goucha no casamento real..., os palpites para os jogos de futebol no fim de semana, a empresa que fez bordados para o alegado casamento real e mais ainda, infanta Maria Francisca fala sobre o pedido de casamento, depois outros noticiavam o menu real, a magnânima abertura ao público com festa popular no casamento real, em plena celebração dos 113 anos da data de 5 de outubro de 1910 e da república laica. Na sessão de abertura dia 5 começámos com um vídeo da ilha de São Miguel em 1960, e de seguida, assistiu-se a dois vídeos promocionais da Ribeira Grande (este e outros serão posteriormente disponibilizados aos 45 participantes), seguidos de um vídeo celebrando em imagens 20 anos de colóquios da Lusofonia e o Hino da Lusofonia da autoria de Isabel Rei, Concha Rousia e Vasco Pereira da Costa. Tivemos depois alocações do Presidente da AICL, do Diretor do Arquipélago, Dr João Mourão, do líder parlamentar do PSD Dr Bruto da Costa em representação da ALRA, do Dr José Andrade, Diretor Regional das Comunidades em representação do Sr. Presidente do Governo Regional e, por fim, o Presidente da Autarquia Dr Alexandre Gaudêncio, com a presença da maioria dos inscritos entre os quais os patronos Mestre Eduíno de Jesus, decanos dos escritores açorianos, Professor Onésimo T de Almeida e os professores Urbano Bettencourt e José Carlos Teixeira. No primeiro intervalo visualizou-se o vídeo Açores 1938, seguido de uma sessão de poesia de autor por Aníbal Pires. Após esse momento tivemos a primeira sessão dedicada à Diáspora, moderada por Aníbal Pires, com a presença de José Carlos Teixeira e José Andrade (e a ausência do Chefe de gabinete do Parlamento do Canadá, Joseph Soares, única ausência dos 45 inscritos). Na sessão da tarde Diana Zimbron moderou Alda Batista do Tribunal de Contas Europeu e o caboverdiano da Universidade Nova de Lisboa, Hilarino da Luz que esteve em teleconferência desde Sevilha. Seguiu-se uma vídeo montagem de fotos dos Açores antigos a partir de 1900, antes do Grupo Palavras Sentidas da Universidade Sénior declamar com grande mestria poesia vária do volume Crónica do Quotidiano Inútil de Chrys Chrystello, 50 anos de vida literária, a que seguiu um curto recital de piano da nossa maestrina e pianista residente Ana Paula Andrade... Novo intervalo com o vídeo Açores, as mais belas ilhas e a intervenção por videoconferência de Nelson Ponta Garça a apresentar o seu documentário *The Portuguese in Hawaii*. No final uma descendente local desses açorianos que emigraram para o Havai deu a conhecer em breves palavras o seu contributo. Dia 6 logo de manhã cedo o artista plástico Rui Barata Paiva tinha uma oficina de trabalho (workshop) de pintura a aguarela com 9 alunos da Escola Secundária da Ribeira Grande que se prolongaria por toda a manhã e não na hora e meia prevista. Nessa manhã, na mesma escola, estavam os autores Aníbal Pires, Diogo Ourique, Jorge Arrimar, Nuno Costa Santos e Vasco Medeiros Rosa além de Onésimo T Almeida. Simultaneamente haviam-se deslocado à EBI da Maia Anabela Brito de Freitas (Mimoso), Chrys Chrystello, Diana Zimbron, Francisco Madruga, Helena Chrystello e Natividade Ribeiro para uma sessão com professores e alunos, incluindo o jovem autor e docente Telmo Nunes. De tarde, apenas 8 pessoas compareceram ao desafio da visita cultural, pelo que se decidiu reduzir a emissão de CO₂ e mandar embora a viatura de 32 lugares dos Bombeiros e usar uma carrinha de 9 lugares, quando o motorista José Mário nos conduziu à Fábrica de Licores Mulher de Capote, antiga estrada regional da Coroa da Mata, Chá Gorreana e Chá de Porto Formoso (com paragem e degustação de chá), Terrace Bar dos Moinhos de Porto Formoso e Caldeiras da Ribeira Grande por entre a chuva inclemente que nos impediu de tirar melhor aproveitamento fotográfico do passeio. Dia 7 Francisco Madruga moderava Anabela Freitas (“Teófilo Braga e a literatura popular”), Álamo Oliveira (“Para um retrato do intelectual João Afonso”) e em videoconferência José Rebêlo sobre o seu avô, pintor Domingos Rebêlo. No intervalo o vídeo São Miguel antigo. A derradeira sessão dessa manhã era dedicada num painel a Macau tendo começado com Rui Paiva (“Lusofonias: África, Europa e Ásia nas artes e na escrita”, Raul Gaião (“lingu di Macau, o patuá”) e Jorge Arrimar apresentava “Calçadas Verdades” de Natividade Ribeiro. Num curto intervalo musical Ana Paula Andrade e uma aluna do Conservatório de Ponta Delgada interpretaram temas do cancionário Açoriano, seguindo-se pela primeira vez uma curta demonstração de duas peças em patuá pelo Grupo Doci Papiacâm di Macau, terminando com Raul Gaião a declamar um poema em crioulo macaense. A sessão da tarde iniciou-se com uma sessão dedicada a homenagear o editor e livreiro Francisco F. Madruga, tendo-se visionado um curto vídeo da sua terra natal (Mogadouro), outro do seu percurso nos colóquios após 2009 e capas de algumas das suas obras que publicou de autores açorianos, terminando com uma bem merecida elegia preferida por Vasco Pereira da Costa que se congratulou por ter apadrinhado o nascimento do Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas e

HISTORIAL longo colóquios da lusofonia

fez uma digressão pela atividade de Madrugada e a sua amizade. Ao homenageado, a AICL entregou uma placa alusiva à Homenagem. Seguiu-se uma sessão de apresentações literárias moderada por Urbano Bettencourt em que Aníbal Pires apresentou a “Nova Antologia de Autores Açorianos” de Helena Chrystello e Maria João Ruivo apresentou a novel obra “) poemas, 9 línguas” de Helena Chrystello com a presença do editor de ambas as obras, Ernesto Rezendes. Logo de seguida, Chrys Chrystello fez a apresentação em vídeo da Génese de *Crónica do Quotidiano Inútil, 50 anos de vida literária*, com a declamação de alguns poemas e algumas versões públicas do seu mais conhecido poema “*Maria Nobody*” musicado por Ana Paula Andrade e também por Pedro Teixeira noutro registo diferente. Anabela Freitas (Mimoso) e Diana Zimbron fizeram a exegese das obras *CHRÓNICAÇORES* (volume 5 “*Liames e epifanias autobiográficas 1949-2005*” e volume 6 “*Alumbramento, crónica do éden, 2005-2021*”). Na pausa seguinte visionou-se “Moinhos de Porto Formoso (2005-2018)”. A última sessão do dia, toda por teleconferência era moderada por José Andrade e contava com a participação de José Luís Jácome, um bem-sucedido empresário radicado em Montreal no Canadá a narrar e descrever com imagens da época, a sua experiência pessoal de seis décadas, Eduardo Bettencourt Pinto na Colúmbia Britânica fez um digresso por Ernest Hemingway e outros, finalizando Susana L M Antunes da Universidade de Wisconsin, Milwaukee que fez uma análise bem interessante da obra “Um punhado de areia nas mãos” da Maria João Ruivo. No derradeiro dia de comunicações Francisco Madrugada moderou Mário Moura que falou dos “Primórdios da imprensa no Concelho”, seguido da jornalista da RTP, Vera Santos a debater “A voz da alma ou rutura do real”, seguida por Conceição Mendonça a apresentar o livro “Que lenço cobriria a dor?” de natividade Ribeiro, e, finalmente Jorge Arrimar “Angola e Açores na memória e na escrita”. Na pausa visionou-se Maia, S. Brás e Gorreana 2005-2022. A última sessão da manhã, com sala cheia era moderada por Onésimo T de Almeida, começando com a poesia de Álamo Oliveira dita pelo próprio e pelo Grupo Palavras Sentidas (desta vez com 5 pessoas) percorrendo o livro “Versos de todas as luas”, a que se seguiu Chrys Chrystello apresentando o seu velho amigo em Macau há mais de 40 anos, Rui Barata Paiva, e terminando com o Dr João Mendes Coelho a apresentar o livro “Cuéle, o pássaro troçador” de Jorge Arrimar. Da parte da tarde Urbano Bettencourt moderou a sessão da Homenagem no Feminino, a Carolina Cordeiro (apresentada por Miguel Lopes), Helena Chrystello (apresentada por Aníbal Pires) e Maria João Ruivo (apresentada por Onésimo T Almeida). Foi-lhes ofertada uma pequena lembrança como homenageadas do ano. Seguiu-se o vídeo Lagoa do Fogo e Caldeira Velha, antes de se dar início a um painel especial com humor sob o tema “Escritoterapia, lamentação de três guionistas sobre as condições da indústria” em que se falou e amplamente debateu a inteligência artificial entre outros problemas. A sessão final moderada por Álamo Oliveira juntava Vasco Medeiros Rosa “É preciso romper o amanhã. Madalena Férin revisitada” com declamação por Helena Barros da autarquia de Vila do Porto, e terminava com Urbano Bettencourt “A moldura histórica de A Escrava Açoriana de Pedro Almeida Maia”. Resumidamente este colóquio foi um sucesso que se ficou a dever à variedade de temas e de oradores, debates bem participativos, terminando com mais de 30 pessoas na audiência na sessão final, o que é notável, sempre com a sala bem composta de gente que ia variando ao longo das sessões, com participação local de pessoas não-inscritas como foi o caso de representantes da EBI Maia e da Escola Secundária da Ribeira Grande.

39º colóquio CONCLUSÕES E AGRADECIMENTOS

Revelou-se mais um sucesso o 39º colóquio da lusofonia 2-6 outº 2024 em Vila do Porto, Santa Maria.

Agradecimentos para o nosso patrocinador local, a autarquia através da sua Presidente, Dra. Bárbara Chaves (conhecida destes colóquios desde 2011 quando ajudou a colocar na lista de livros recomendados no Plano Regional de leitura, a obra Antologia de autores açorianos contemporâneos, da Helena CHRYSTELLO), do seu vice e vereador da cultura, Domingos Barbosa, nosso interlocutor privilegiado ao longo dos meses, e da assessora Helena Barros. Agradecimentos muito especiais são devidos às incansáveis funcionárias da Biblioteca Municipal, Débora Vicente, Judite Fontes, Neli Coelho, Viviana Esteves, lideradas por Lisete Cabral que prestaram inestimável apoio técnico, muito para lá das suas competências habituais sem problemas técnicos quer nas transmissões online quer no decurso das sessões com recurso a meios técnicos diversos ao longo destes 4 dias cheios de desafios logísticos e técnicos. Excelente trabalho os dos motoristas Sr António e Sr Armando sempre incansáveis e pacientes nas suas esperas depois das refeições vespertinas em que o pessoal caprichava a atrasar-se, já que durante o dia se cumpriram religiosamente os horários. Agradecemos ao Hotel (onde nós e os colóquios sempre ficamos), na pessoa da sua Diretora (Dra. Aida Amaral), sua filha Bruna Figueiredo que nos auxiliou na obtenção de descontos, e a todo o restante pessoal (da receção sala, cozinha e quartos) notavelmente a D Madalena (que conhecemos há 20 anos, sempre solícita na satisfação de todos os nossos pedidos e idiossincrasias, como o anormal pequeno tamanho da minha “italiana”). Agradecemos o mecenato da EDA RENOVÁVEIS que nos permitiu ter presentes vários autores açorianos. Gratos estamos à Direção Regional das Comunidades que nos presenteou com a presença do seu Diretor Dr José Andrade e apoiou parcialmente a vinda de Eduardo Bettencourt Pinto da Diáspora Canadiana, e ainda o apoio da Direção Regional da Cultura que, infelizmente, não se fez representar. Ao Professor José de Andrade Melo nosso guia no da 3ª via os nossos agradecimentos pelas suas explicações sobre os locais visitados num roteiro com horário restrito. Agradecemos ao Museu de Santa Maria (Polo de Vila do Porto e sua diretora Dra. Elisa Sousa, e ao Centro de Interpretação Dalberto Pombo / Casa dois Fósseis, que tão bem nos receberam na visita de dia 3. Por último agradecemos à Escola Secundária de Santa Maria através da Presidente do Conselho Executivo, Dra. Carla Roque pela organização da sessão com alunos e a oferta gentil de almoço aos participantes no colóquio. Foi como de costume um prazer voltar à Ilha-Mãe e saímos daqui com pena de se terem passado tão fugazmente estes dias, com pena de não dispormos de mais tempo, mas com a certeza de que queremos regressar o mais depressa possível, talvez já em 2026 ou 2027 para um colóquio mais longo, menos emocional, mais tranquilo e com mais vagar para viajarmos pela ilha e partilharmos algumas das suas maravilhas.

No encerramento tivemos a presença da Coordenadora da Vice-Presidência do Governo em Santa Maria, Dra. Leonor Batista, e salientamos duas das propostas que nos fizeram chegar:

- Para que a Anabela Freitas e a Dora Gago unam esforços e sinergias para compilarem a série documental de artigos sobre o autor açoriano Leal de Carvalho e posteriormente editar em livro.
- Para que o trabalho iniciado pela Helena Chrystello da Antologia do Humor, e completado pelo Aníbal Pires, possa ter seguimento, sugerindo-se o nome de Victor Rui Soares para se encarregar de proceder a tal.

Com os melhores cumprimentos

AICL Associação dos Colóquios da Lusofonia
NIPC 509 663 133
Rua da Igreja 6 Lomba da Mala
9625-115 Açores, Portugal
Tel: (+351) 296446940 / (+351) 919287816
lusofonia.aicl@gmail.com www.lusofonias.net



8.10.2023

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram em 22 anos. Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) contra a crise: a língua como motor económico <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifeto2012aicl.pdf>